

A Igreja dos pobres: um encontro entre Medellín e Francisco

José Mamede *

Resumo: *Este artigo tem como objetivo fazer uma releitura da Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Medellín (1968) à luz das inovações eclesiológicas desenvolvidas pelo Papa Francisco. Nessa conferência fez-se uma opção pelos pobres como programa a ser desenvolvido na pastoralidade da Igreja na América Latina. Foi um momento de aggiornamento do Concílio Vaticano II em que a força profética era a alma que guiava a pastoral na igreja que estava disposta a dialogar com o mundo. Porém, os anos turbulentos que sucederam a teologia conciliar colocaram a eclesiologia em estado de retrocesso e silêncio. Na verdade, não se pode esquecer o esforço de muitos pastoralistas e teólogos que continuaram as inovações conciliares. Na atualidade, é possível encontrar no pontificado do Papa Francisco uma continuidade atualizada dessa eclesiologia de Medellín aberta ao diálogo com o mundo, sobretudo nas chamadas “periferias existenciais e geográficas”, propondo uma “igreja em saída”. Por isso, optou-se por discorrer sobre a igreja dos pobres, desenvolvida em Medellín com seu marco doutrinal, relacionando com a eclesiologia do Papa Francisco. Espera-se contribuir com a discussão das comemorações da referida conferência por ocasião do seu cinquentenário, apresentando o atual pontificado como a grande esperança de continuidade da eclesiologia pretendida pelo Concílio Vaticano II e vivida em Medellín.*

Palavras-chave: Medellín; Igreja; Pobres.

INTRODUÇÃO

Aproximam-se as comemorações dos cinquenta anos da Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, ocorrida em Medellín, em 1968. É preciso fazer uma releitura de suas contribuições basilares para a teologia que foi sucessivamente desenvolvida no continente latino-americano com suas implicações pastorais. Na atualidade, é possível encontrar no pontificado do Papa Francisco uma continuidade atualizada dessa eclesiologia aberta ao mundo, sobretudo às chamadas “periferias existenciais e geográficas”. De fato, tanto Medellín quanto o Papa Francisco foram profundamente marcados pela eclesiologia Concílio Vaticano II.

* Mestrando do PPG de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, bolsista da CAPES.

A renovação conciliar é definida como um paradigma para a vida eclesial. Trouxe uma dinâmica missionária e produziu um diálogo com o mundo atual.

Ao fazer uma hermenêutica conciliar, deve-se destacar a grande virada eclesiológica acontecida na igreja. O Concílio Vaticano II tinha uma dupla finalidade: ser pastoral e ecumênico. Isso trouxe consequências para a Igreja. Rompeu-se com o termo Igreja sociedade desigual, valorizando a verdadeira igualdade dos crentes. Essa base eclesiológica quis superar o binômio clérigo e leigo como dois ministérios que se contrapunham. Assim, articulou o sacerdócio comum e o sacerdócio ministerial num único sacerdócio de Cristo. Abandonou-se a teologia das abstrações com caráter metafísico, procurando um diálogo com o mundo, sobretudo a partir da realidade dos pobres e sofredores. Nas aulas conciliares, surgiu, a partir da comissão denominada de progressista, o conceito de 'igreja dos pobres'. Na opinião de muitos padres conciliares, a igreja inserida na realidade dos pobres deveria ser o eixo integrador de todo o concílio. Isso motivado pelo discurso convocatório do Papa João XXIII e levando em consideração a realidade de pobreza do mundo.

A igreja se auto-apresentou com o caráter de inserção na realidade histórica do povo, sobretudo no mundo dos pobres. Inserir-se na realidade dos pobres, foi uma linha indicativa e imperativa na eclesiologia de muitos padres conciliares, apresentando com clareza a visão pastoral que desejavam implantar na igreja. Expressavam-se numa linguagem de transparência carregada de uma ousadia na volta às origens em fidelidade ao evangelho e ao próprio apelo do Espírito Santo, que soprava um vento novo na Igreja.

Embora o Concílio não tenha consolidado a centralidade dos pobres na sua atuação pastoral, deu um vigoroso substrato, contribuindo com a opção pelos pobres na Igreja da América Latina.

1. A IGREJA DOS POBRES À LUZ DE MEDELLÍN

O clima de renovação e mudanças permeava a igreja toda. Os padres conciliares quando voltaram às suas igrejas locais fomentaram um desejo de aplicabilidade do concílio. Esse movimento tomou conta da Igreja da América Latina. As bases da opção pelos pobres estavam lançadas. Ir ao mundo e escutá-lo significava ouvir o clamor dos pobres mergulhados na opressão e na miséria.

A Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-americano acontecida, em Medellín (1968), não somente aplicou as novidades da renovação conciliar, mas também fez uma releitura de forma crítica do Concílio Vaticano II a partir da própria realidade vivida pelos povos deste continente. Ao optar pelo método ver, julgar e agir, pôde fazer uma justa análise da conjuntura do continente latino-americano, rompendo com a aliança entre a igreja e as oligarquias que exploravam e oprimiam os pobres. Abandonou nitidamente a teologia apologética e clerical, aprofundando a categoria socioteológica dos sinais dos tempos. A evangelização tomou o rumo para além da proclamação da palavra,

visando à transformação das estruturas sociais. A pastoral ganhou um caráter sociotransformador, tendo como eixo central a justiça social.

A Conferência de Medellín foi interpretada como um verdadeiro tempo de graça. Foi o sopro do Espírito que suscitou a renovação do compromisso com o povo de Deus na igreja latino-americana, voltando às fontes evangélicas em comunhão com o projeto de Jesus de Nazaré.

1.1 A IGREJA NA TRANSFORMAÇÃO DA AMÉRICA LATINA

Esse enunciado elucida o objetivo da conferência, contribuir com a transformação dos povos latino-americanos. Por isso, colocava a Igreja aberta ao mundo no qual estão inseridos os povos deste continente.

Medellín declarou que o maior desafio a ser transformado era a situação de pobreza. A transformação tinha sua base no anúncio do evangelho libertador aos pobres. A pobreza aparece em muitas situações de tal forma institucionalizada como uma verdadeira miséria humana. “Essa miséria, como fato coletivo, se qualifica de injustiça que clama aos céus” (Medellín, 1, n.1). De fato, a situação do homem latino-americano é marcada pela a miséria que marginaliza e oprime os pobres deste continente. A conferência propunha mudanças concretas no chão pobre da América Latina.

As famílias não dispunham de políticas concretas de educação. Para responder a essa lacuna educacional, elaborou-se o método de educação baseado na pedagogia libertadora. Tinha como meta propor uma educação que transformasse o sujeito, libertando-o das estruturas de opressão. A educação libertadora surgia como uma grande esperança em formar de sujeitos conscientes, livres e comprometidos. Desenvolvia-se uma educação processual e crítica que pudesse preparar a juventude para lutar pelos direitos de entrar nas universidades ou fazer o estudo técnico-profissional em vista do desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida.

A mulher excluída e marginalizada passava a reivindicar sua igual dignidade perante a sociedade machista e excludente. Reforçava-se uma teologia feminista, no sentido de que a mulher deveria ocupar seu espaço na Igreja e na sociedade.

A chegada das grandes empresas internacionais excluiu os pequenos produtores e comerciantes. Por isso, a classe operária lutava por melhores condições de vida.

A Igreja acolheu tudo isso como desafios para sua pastoralidade, unindo forças e lutas para que a libertação acontecesse. Firmou-se uma igreja no meio do povo e com o povo. Os pobres são os prediletos de Jesus e da própria igreja. Estava assim, declarada a opção de Medellín: a Igreja devia ser colaboradora para a transformação da América Latina. O episcopado latino-americano não podia ficar alheio às situações injustas que firmavam os pobres numa verdadeira miséria humana. A Igreja foi chamada a apresentar-se com um rosto pobre, que englobava os rostos de milhões de pobres que clamavam por libertação. Ela mostrou uma face pascal e misericordiosa, apresentando o seu fundador, Jesus Cristo, que se faz presente no pobre.

1.2 MARCO SOTERIOLÓGICO DE MEDELLÍN

É muito evidente a eclesiologia definida por Medellín decorrente de uma cristologia da libertação. É uma igreja “solidária com os pobres, testemunha do valor dos bens do Reino e humilde servidora de todos os homens de nossos povos” (Medellín, 14, n. 8). Resgata-se a imagem de Jesus libertador como o princípio hermenêutico da Cristologia para amadurecimento da fé em ligação com o Reino de Deus, meta do seu anúncio e centro de sua pregação.

Apresentar Jesus Cristo na sua totalidade implica abordar o conteúdo do Reino de Deus, tendo como ponto de partida o próprio Jesus de Nazaré. Ele pregava o Reino de Deus como intencionalidade de sua pessoa e como razão do seu ser. A relação de Jesus com o Reino, presente nos evangelhos e nas categorias que falam do Reino aparece nas suas atividades e nos seus gestos. O Reino é um sumário e ao mesmo tempo plenitude da sua missão. É preciso descobrir um novo paradigma para a reflexão teológica em ligação com a cristologia, que é o mesmo da teologia da libertação: a relação entre Jesus Cristo e os pobres. Esse foi o marco doutrinal soteriológico de Medellín. A Cristologia latino-americana define que “há um paralelo identificatório entre Jesus e Reino” (SOBRINO; ELLACURIA, 1990, p.576). Para conhecer o Reino é preciso voltar a Jesus e para conhecer Jesus é preciso voltar ao Reino. As palavras e atos de Jesus não apenas estão a serviço do Reino, mas expressam o Reino de Deus. A revelação de Jesus está totalmente ligada ao Reino de Deus como boa notícia. Ele veio para anunciar o Reino. A relação de Jesus com o Reino está presente nos evangelhos como um conhecimento da pessoa de Jesus ou como revelação do seu projeto.

O episcopado latino-americano retoma o fundamento evangélico de Jesus, que é sua opção pelos pobres. Jesus faz opção pelos pobres: assume a causa dos pobres e oprimidos. “Na opção pelos pobres se julga a autenticidade da fé em Deus e verdade sobre Cristo” (COMBLIN, 1984, p.181). A cristologia latino-americana responde a uma pergunta: o que Cristo faz em favor do ser humano? Ele faz opção pelo pobre e desprezível deste mundo. Cristo vai buscar o que estava perdido, desprezado e marginalizado pela sociedade. Por isso, a Cristologia da libertação faz a Igreja ser pobre e entrar no mundo dos pobres. Essa é a grande novidade de Medellín. “A Cristologia da libertação insere-se no grande movimento de volta ao Jesus histórico com a preocupação central de dar continuidade à sua prática por meio do seu seguimento” (BOMBONATTO, 2007, p. 188). Portanto, seguir Jesus Cristo é comprometer-se com a sua opção pelos pobres.

Na América Latina, não se compreende o seguimento a Jesus fora da opção pelos pobres, que está fundamentalmente em consonância com o evangelho e iluminado pela realidade de exclusão social. A opção pelos pobres passa por assumir um quadro profético de denúncia, que está para além um caráter assistencialista. Consiste em ser parcial num enfretamento de forças opressoras e realidades estruturais. Esse compromisso com os pobres tem como consequência orientações pastorais precisas no quadro pastoral da América Latina.

1.3 ORIENTAÇÕES PASTORAIS DE MEDELLÍN.

Medellín apontou três orientações pastorais como urgências para a evangelização na realidade latino-americana: solidariedade, testemunho e serviço.

O marco da solidariedade passa por assumir como Igreja toda a realidade de pobreza pela qual passavam os povos deste continente. Decorrente do mandado de Cristo, os bispos tinham consciência da preferência e da solidariedade para com os pobres. Não se tratava de uma solidariedade passiva, mas de uma “denúncia da injustiça e da opressão, na luta contra a intolerável situação suportada frequentemente pelo pobre, na disposição de diálogo com os grupos responsáveis por essa situação, para fazê-los compreender suas obrigações” (Medellín, 14, n.10). A Igreja foi conclamada a dar seu próprio exemplo na luta pela promoção humana como ação em favor do pobre, bem como buscar parcerias com outras entidades num diálogo colaborativo com as organizações eclesiais.

O marco do testemunho passava pelo próprio estilo de vida modesto que a Igreja deveria viver: simplicidade na maneira de viver a fé sem aparato nem ostentação e renúncia aos títulos honoríficos. No campo administrativo, orientava que se superasse o sistema de espórtulas e desenvolvesse uma administração em comunhão com os leigos competentes, visando o bem de toda comunidade. Nesse marco, a proposta de uma inserção do laicato na vida pastoral, orgânica e econômica da Igreja é bem visível.

O marco do serviço elucidava uma Igreja humilde servidora de todos os homens e livre de prestígios ambíguos. Isso objetivava uma autonomia da Igreja em relação às oligarquias opressoras, para que gozasse de liberdade para exercer sua missão como servidora dos pobres.

A linha eclesiológica de Medellín é bem concreta, não fazendo uma reflexão de pastoral científica, mas apontando as linhas para concretizar os seus objetivos. A opção pelos pobres foi urgência para a transformação da realidade dos povos latino-americanos.

2. A IGREJA DOS POBRES À LUZ DE FRANCISCO

Os anos que sucederam o Concílio Vaticano II foram marcados por continuidade e discordâncias com avanços e retrocessos. Na igreja da América Latina também não foi diferente. Após a conferência de Puebla (1979), que deu impulso à opção preferencial pelos pobres, houve um período silencioso, cujas consequências são visíveis na atualidade. Foi a conferência de Aparecida (2007), que em continuidade com Medellín e Puebla, voltou a falar sobre a opção pelos pobres. Certamente, é evidente a presença relevante do Cardeal Jorge Mário Bergoglio como secretário geral, que posteriormente tornou-se o Papa Francisco.

Ao ser anunciado como papa, visivelmente na sua maneira de apresentar-se, bem como no nome escolhido para seu pontificado, anunciavam as suas linhas eclesiológicas. Trata-se de uma volta à eclesiologia conciliar, imbuída das linhas pastorais da igreja na América Latina.

A Exortação apostólica pós-sinodal sobre o anúncio do evangelho no mundo atual *Evangelii Gaudium*, apresenta as linhas basilares do seu pontificado, recuperando o anúncio do evangelho, que deve ser marcado pela alegria numa perspectiva missionária. É notória a chave missionária do próprio documento, empregada de forma operacional como necessária para repensar a pastoral que responda aos desafios evangelizadores da atualidade. A tonalidade da alegria canta como se fosse uma música perpassando todo o documento.

A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira dos que se encontram com Jesus. Quem se deixa salvar por Ele é liberto do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo sempre nasce e renasce a alegria (EG, n. 1).

Neste documento, o Papa Francisco articula a alegria com a missionariedade. A chave de uma 'Igreja em saída' que anuncia o evangelho com alegria é a marca da sua linha eclesiológica.

Na verdade, é na missão que se encontra a renovação eclesial querida pelo Papa Francisco. Fala de uma renovação eclesial inadiável que acontece numa perspectiva missionária.

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se torne um canal proporcionando mais a evangelização do mundo atual, que a autopreservação" (EG, n. 27).

A 'Igreja em saída' apresenta-se como aberta em busca das periferias humanas (EG, n. 46). Regata-se aqui a eclesiologia do Concílio Vaticano II, que busca dialogar com o mundo e sentir "as alegrias e esperanças, as tristezas e angústias dos pobres" (GS, n.1). As periferias humanas têm seu lugar nos pobres, sofredores e doentes deste mundo.

Portanto, o Papa Francisco pede para que a igreja se insira no mundo dos pobres. "Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar as próprias seguranças" (EG, n. 49). A eclesiologia de Francisco vai sendo configurada como uma volta a 'Igreja dos pobres', pretendida por uma ala dos padres conciliares como um horizonte pastoral a ser desenvolvido em suas igrejas particulares. Francisco deixa visível que a opção pelos pobres é um programa essencial para toda a Igreja.

2.1 A OPÇÃO PELOS POBRES NA *EVANGELII GAUDIUM*

O documento apresenta como base bíblica para a libertação, o livro do êxodo, quando Deus vê, escuta o clamor do seu povo e desce para libertá-lo (Ex 7, 7-8. 10). Ao

resgatar a ideia dos pobres de Deus libertador no Antigo Testamento, enfatiza-se que os pobres são os encurvados, ou seja, os “*anawim*” de Javé, que eram escravizados e marginalizados, a quem era negado o direito à vida. Essa construção hermenêutica teológica dos pobres encurvados sinaliza a libertação pregada por Jesus que será realizada com o advento do Reino esperado. “Para os cristãos, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica” (EG, n. 198). É uma opção teocêntrica, porque são preferidos de Deus e meta da pregação de Jesus.

Os pobres são os destinatários do Reino de Deus. É uma opção cristológica, decorrente da vida de Jesus de Nazaré, que anunciou o Reino aos pobres. Neste sentido, toda a Igreja é chamada a prestar um serviço de libertação e promoção aos pobres. É uma Igreja que escuta o clamor dos pobres e desenvolve uma ação libertadora. “Esta opção está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza” (EG, n. 198). É um clamor de justiça que deve englobar todas as estruturas da igreja com o objetivo de promover a dignidade integral dos pobres. Esta opção é uma volta ao anúncio do Reino de Deus pregado por Jesus.

É eclesiológica, enquanto a Igreja tem a mesma opção de Jesus. Toda Igreja é chamada a assumir como seu esse clamor dos pobres. Precisa garantir uma libertação que englobe todos os aspectos. Os pobres devem estar incluídos como a opção da Igreja, pois deriva da fé em Cristo, que sendo pobre se aproximou dos pobres e marginalizados.

Isto engloba educação, acesso aos cuidados de saúde e especialmente trabalho, porque, no trabalho livre, criativo, participativo e solidário, o ser humano exprime e engrandece a dignidade da sua vida. O salário justo permite o acesso adequado aos outros bens que estão destinados ao uso comum (EG, n. 192).

Isso implica necessariamente uma fidelidade ao projeto de Jesus apresentado no evangelho. Fazer opção pelos pobres não é colocá-los de forma passiva, mas integrá-los como sujeitos da própria pregação de Jesus e consequentemente da Igreja. A Igreja mantém sua fidelidade à prática de Jesus quando coloca no centro da sua atividade o Reino de Deus que tem como destinatários os pobres e oprimidos. Os pobres têm muito a ensinar à Igreja, pois nos seus sofrimentos conhecem o próprio Cristo. A Igreja deve deixar-se evangelizar por eles.

É ainda uma opção antropológica, pois tem o ser humano pobre como destinatário dessa missão. A opção pelos pobres se torna sacramental e condensa uma simbólica libertadora. É uma prática libertadora no amor que se torna sacramentária. É assumir o projeto de um Deus libertador.

Analisando, todas essas dimensões da opção pelos pobres, pode-se dizer que é uma opção sociológica, pois o chão onde ela surge é o pobre desprovido da dignidade humana e social. Essa categoria torna-se princípio constitutivo para que a Igreja faça a mesma opção de Cristo. A opção pelos pobres não é um programa de puro assistencialismo. Por

isso, devem ser incluídos como sujeitos de libertação e membros da própria comunidade eclesial.

Diferencia-se de qualquer ideologia, de qualquer tentativa de utilizar os pobres ao serviço de interesses pessoais ou políticos. Unicamente a partir desta proximidade real e cordial é que podemos acompanhá-los adequadamente no seu caminho de libertação. Só isto tornará possível que os pobres se sintam, em cada comunidade cristã, como ‘em casa’. Não seria, este estilo, a maior e mais eficaz apresentação da boa nova do Reino? Sem a opção preferencial pelos pobres, o anúncio do Evangelho – e este anúncio é a primeira caridade – corre o risco de não ser compreendido ou de afogar-se naquele mar de palavras que a atual sociedade da comunicação diariamente nos apresenta (EG, n. 199).

Há uma grande lacuna no processo de evangelização que é a falta de acompanhamento espiritual das comunidades pobres. Segundo o próprio Papa Francisco, essa é a pior discriminação. É preciso aproveitar o sentimento religioso e sua abertura para Deus, para dar-lhe o merecido acompanhamento espiritual: celebração dos sacramentos, proposta de amadurecimento na fé, sobretudo uma igreja pobre para os pobres. “A opção preferencial pelos pobres deve traduzir-se, principalmente, numa solicitude religiosa privilegiada e prioritária” (EG, n. 200).

2.2 A FORÇA PROFÉTICA DA *EVANGELII GAUDIUM*

A Igreja não pode ficar calada diante da grande miséria em que se encontram os pobres. Trata-se de uma falta de dignidade humana, entendida como um grande pecado, visto como real em todo o mundo. O Papa Francisco retomou esse aspecto profético como fundamental na opção pelos pobres. Não se pode esconder o sofrimento do pobre.

A profecia não se resume ao protesto, mas passa por um conhecimento da realidade com suas vítimas e seus responsáveis. Essa realidade é julgada à luz da palavra de Deus. Deste encontro com a palavra de Deus e a realidade surge a denúncia em defesa do pobre e excluído.

O documento denuncia os grandes males da sociedade atual. Há uma economia de exclusão, acelerada pela adoração ao dinheiro. O mercado produz uma exacerbação do consumo e acentua uma desigualdade social que gera violência. “A desigualdade social é raiz de todos os males” (EG, n. 202). Vive-se na atualidade uma verdadeira cultura do descartável, onde se valorizam o ter e o poder.

A Igreja é chamada a não adormecer diante de tanta injustiça. Além de cuidar, deve exercer sua profecia, através de uma “capacidade sempre vigilante de estudar os sinais dos tempos” (EG 51). Ser uma ‘Igreja em saída’ supõe caminhar no meio dos pobres, ouvir seus clamores e provocar sinais de libertação. Ser uma Igreja profética é uma

verdadeira conversão pastoral. Sair da zona de conforto de uma Igreja “*ad intra*” para ser uma igreja “*ad extra*”.

2.3 NOVO MARCO ECLESIOLÓGICO

Se Medellín falava de novos marcos na eclesiologia da América Latina, pode-se dizer que o novo marco eclesiológico de Francisco é um a Igreja em saída. Trata-se de uma nova maneira de pensar a realidade pastoral da Igreja de forma descentralizada e missionária. Este é o novo paradigma da Igreja: ter a coragem de fazer de sua ação eclesial uma opção pela a missionariedade, não nos moldes da época da cristandade, mas saindo em busca das periferias que precisam do evangelho. De fato, esse marco se caracteriza como “virada copernicana”, ou seja, exige-se uma mudança de estrutura.

Repensar a estrutura da Igreja passa pela compreensão de que toda atividade eclesial está a serviço da evangelização. Significa voltar à teologia do batismo que torna a Igreja missionária em sua natureza. É colocar toda a Igreja como sujeito ativo da missão, ou seja, toda Igreja deve ser discípula missionária. Nas entrelinhas, percebe-se uma volta à teologia do povo de Deus.

A partir desta perspectiva, a noção de povo de Deus engloba a natureza fundamental da Igreja, querida pelos padres conciliares: definir-se na condição comum de todos os batizados. Isso possibilita uma nova eclesiologia, dando notoriedade à comunhão entre todos os membros pelo batismo e a pertença ao povo eleito, reunido em Cristo.

A definição eclesiológica Povo de Deus rompe com o termo Igreja sociedade desigual, valorizando a verdadeira igualdade dos crentes. Essa base eclesiológica quer superar o binômio clérigo e leigo como dois ministérios que se contrapõem. Quer também aproximá-los mantendo a tensão entre ambos e, ao mesmo tempo, definir a função específica de cada um. Jesus com a finalidade de apascentar o seu povo e fazê-lo crescer sempre mais, instituiu na Igreja vários ministérios que se destinam ao bem de todo corpo eclesial. Assim, articula o sacerdócio comum e o sacerdócio ministerial num único sacerdócio de Cristo. Com isso, Francisco resgata uma Igreja configurada a partir de uma colegialidade, baseada na comunhão e participação.

CONCLUSÃO

A nova etapa evangelizadora, defendida pelo Papa Francisco, é marcada pela conversão pastoral e missionária. Convida a Igreja a fazer uma renovação, vivendo um novo clima de ação eclesial na libertação do medo que paralisou a Igreja no pós-concílio.

Libertar-se do medo, vencer estruturas caducas, que impedem as mudanças significativas serão passíveis a partir da recuperação do frescor original do evangelho.

A originalidade do evangelho comporta voltar ao encontro pessoal com Jesus Cristo, pela vivência e anúncio do essencial da boa nova, bem como pelo imperativo do Reino de Deus como fé vivida de forma autêntica, que não é individualista, mas transformadora.

É preciso abandonar o mundanismo espiritual: forma não muito sadia de espiritualidade e estilos que dificultam a renovação evangélica. O mundanismo espiritual esconde-se através de uma aparência religiosa, de uma fé enclausurada, subjetivista e distanciada da vida como também por uma liturgia exibicionista e uma vanglória das causas sociais. Experiências não sadias de espiritualidades confundem a vida espiritual com movimentos religiosos, buscam um verdadeiro consumismo espiritual e um bem estar espiritual, cuja raiz está na teologia da prosperidade. Estilos de vida pragmáticos intitulados como normalidade prática dificultam o avanço da evangelização e causam um cansaço no dinamismo apostólico.

Sair para as periferias existenciais é superar uma pastoral de mera conservação, optando por uma pastoral em chave missionária libertadora, que tenha clara opção pelos pobres.

A proposta do Papa Francisco, através de seus documentos, pronunciamentos e, sobretudo sua postura é muito inovadora quando conclama uma volta à eclesiologia do Vaticano II. Neste sentido, é a grande atualização da Conferência de Medellín. É o novo sopro do Espírito para a Igreja contemporânea. É o novo reavivamento da Igreja dos pobres após um período de esfriamento pastoral.

REFERÊNCIAS

BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*. Uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino. 2ª. Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p.188.

COMBLIN, José. *El lugar del hombre en la teología actual*. Revista Latinoamericana de Teología. El Salvador, v. 01, n. 02, p. 179-194, Centro de Reflexión Teológica/Universidad Centroamericana José Simeón Cañas 1984.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, 1968, Medellín. *Conclusões da Conferência de Medellín - 1968*. Texto oficial. São Paulo: Paulinas, 2010.

ELLACURIA, I; SOBRINO, J. *Mysterium Liberationis: conceptos fundamentales de la teología de la liberación*. Madrid: Trotta, 1990. v. 1, p. 576.

FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas. 2013. (Voz do Papa, n. 198).